



# TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E A DEFORMAÇÃO DA FÉ CRISTÃ

*Aiala Carvalho Jaloto Ribeiro<sup>1</sup>, Eduardo Sales de Lima<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Teologia, EAD, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. aialacjalotoribeiro@gmail.com

<sup>2</sup>Orientador, Doutor, Departamento de Teologia, EAD, UNICESUMAR. Pesquisador do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. eduardo.lima@unicesumar.edu.br

## RESUMO

Neste trabalho pretende-se analisar aspectos do movimento Neopentecostal relacionados à teologia da prosperidade. Essa investigação parte da percepção da centralidade do “eu” no discurso da teologia da prosperidade, assim como a ênfase no consumo religioso que modifica a mensagem de salvação pregada nos evangelhos pela mensagem de satisfação pregada pelas lógicas neoliberais. Diante disso, o objetivo principal é analisar a história e o discurso da teologia da prosperidade para entender seus efeitos. Em seguida, pretende-se entender os possíveis problemas causados pela ênfase na prosperidade material, assim como identificar os fundamentos da fé cristã. Essa pesquisa justifica-se em razão da igreja cristã não ter escapado da onda consumista que mudou o mundo, tornando-se, inclusive, parte dela. Relação que vem alterando e ressignificando os fundamentos norteadores da maneira de ser cristão. Será uma pesquisa aplicada e exploratória, que analisará os dados em perspectiva qualitativa. Serão analisadas e selecionadas fontes bibliográficas parciais em publicações científicas e em documentos de acesso público. A fim de compreender melhor esses relacionamentos também serão apresentadas considerações etnográficas a partir da experiência da pesquisadora. A expectativa em relação a esta pesquisa é demonstrar os possíveis perigos da influência da teologia da prosperidade, ressaltando como o consumismo afeta as comunidades e sua relação com os fundamentos da fé cristã. Espera-se ainda demonstrar o desenvolvimento da teologia da prosperidade nos diversos discursos contemporâneos, seja da igreja como um todo, ou da atividade de seus membros.

**PALAVRA-CHAVE:** Consumismo; Neopentecostal; Prosperidade.

## 1. INTRODUÇÃO

A fé Cristã é o resultado das convicções e esperanças de um povo, mas, esse povo não define o que é a fé cristã. Em sua carta a Tito, Paulo se coloca para “promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade” (Tito 1.1). Assim, o cristianismo surge fundamentado em uma verdade, o evangelho de Jesus Cristo.

Antes das regras sistemáticas, o evangelho é uma mensagem e uma vivência que apontam para a cruz, enfatizando uma dinâmica de morte e ressurreição que é compartilhada com todos aqueles que creem no poder de Deus para salvar pecadores. A partir desse fundamento propõe-se um discipulado (seguimento) de Jesus Cristo que afronta diversas lógicas sociais. Ele diz que “bem-aventurados são os pobres” (Mateus, 5.3), enquanto a sociedade supervaloriza e consagra a riqueza. Ele diz que devemos repartir o que temos (Lucas, 3.11), na contramão de uma sociedade consumista e acumuladora. Atualmente, percebe-se que os princípios fundamentais como a salvação e o próprio discipulado cristão, foram diluídos em humanismos e práticas de mercado. Assim, devemos perguntar se de fato, a mensagem central do evangelho não está sendo corrompida e levando inúmeras pessoas ao engano.

Apesar de não ser uma estratégia nova, a Teologia da Prosperidade, não tem perdido força com o passar dos anos. Pelo contrário, ela se renova e se reapresenta com uma nova roupagem e de maneira assustadoramente mais forte. Seus efeitos ultrapassam os púlpitos e afetam as mais diversas áreas da sociedade.

<sup>1</sup> Acadêmica do curso Bacharel em Teologia da Unicesumar – EAD. Bolsista PIBIC.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia. Professor da Unicesumar. eduardo.lima@unicesumar.edu.br



Por isso, o seu estudo é relevante devido à sua presença e influência social, principalmente, na área eclesial e nas práticas religiosas dos pentecostais e Neo-pentecostais. A falta de conhecimento histórico e teológico, muito comum em instituições que valorizam fé e crença, auxilia na adesão às ideias de prosperidade, independente de quão nocivas elas possam ser para o cristianismo e a sociedade. Assim, a sociedade, de um modo geral, tem sido levada a entender a “fé cristã” como uma estratégia de marketing e consumo para “subir” na vida.

A escolha desse tema parte da experiência pessoal dos autores com alguns desses ensinamentos. Essa problemática pode ser verificada pela continuidade e resistência das lógicas neoliberais de prosperidade nas comunidades de fé, e da consequente necessidade de se repensar as possibilidades de deformação e reestruturação dos fundamentos da mensagem do evangelho entre os cristãos na igreja Brasileira, principalmente nas capitais.

Nosso objetivo é entender a Teologia da Prosperidade, seu surgimento, desenvolvimento no Brasil, e apontar os principais problemas na estrutura do seu discurso em relação à promoção do evangelho.

## 2. A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Seu surgimento pode ser identificado no contexto neoliberal Norte-Americano (MARIANO, 2014). No Brasil, o cenário de desenvolvimento econômico e cultural contribuiu para sua formação, principalmente nas igrejas Neo-pentecostais e, posteriormente, nas pentecostais, atingindo, na atualidade, diversas comunidades. Assim, segundo Mariano (2014), no primeiro momento, o pentecostalismo brasileiro atraiu as camadas mais pobres e marginalizadas, era uma proposta sectária e ascética em relação ao mundo. No geral, foram as mudanças sociais que contribuíram para o desenvolvimento dessa teologia entre os pentecostais e Neo-pentecostais.

[...] o rápido processo de modernização do país e, a partir dos anos 70, com a ascensão social por parte dos fiéis, as tensões poderiam se intensificar, e muito – já que o ascetismo nesse caso requeria sacrifícios e acarretava descontentamentos muito maiores –, não fosse a acomodação ao mundo ou a dessectarização que tomou corpo em diversas igrejas pentecostais, sobretudo nas fundadas a partir de então. Diante da mobilidade social de parte dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos do mundo da moda, do lazer e das opções de entretenimento criadas pela indústria cultural, essa religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes, ou fazia concessões. Diante das mudanças na sociedade das novas demandas do mercado religioso, diversas lideranças pentecostais optaram por ajustar gradativamente sua mensagem e suas exigências religiosas à disposição e às possibilidades de cumprimento por parte dos fiéis e virtuais adeptos. (MARIANO, 2014, p. 148)

Com isso, o sectarismo e o ascetismo, práticas comuns no pentecostalismo “raiz” deram lugar a uma mudança de estereótipos, mais conformados com o mundo secular (o mundo). Isso trouxe uma normalização institucional ao pentecostalismo, um processo de naturalização religiosa das práticas antes entendidas como “mundanas”. Nos EUA, esse processo teve início nos anos 60, enquanto no Brasil ascendeu a partir da década de 70. Teve ampla propagação com o Neopentecostalismo e com o desenvolvimento midiático social. Diferente dos tempos passados, agora, os crentes além de almejam, possuíam recursos para desfrutar de todas as bênçãos que “o mundo” proporcionava. Diante do desenvolvimento econômico dessas comunidades de fé, logo se viu a necessidade de substituir o discurso de que, cristãos verdadeiros eram pobres, ou pelo menos,



desinteressados das coisas desse mundo. Uma das formas de lidar com essa nova demanda foi o surgimento da Teologia da Prosperidade. (MARIANO, 2014).

O que conhecemos por Teologia da Prosperidade teve sua origem nos EUA. Além desse nome, é também conhecida como *Health and Wealth Gospel*, *Faith Movement*, *Faith Prosperity Doctrines*, *Positive Confession* (Evangelho de Saúde e Riqueza, Movimento de Fé, Doutrinas de Fé e Prosperidade, Confissão Positiva - tradução livre). Teve seu surgimento na década de 40, e se constituiu como movimento doutrinário na década de 70. Essa corrente doutrinária, segundo Romeiro (1995), ensina que qualquer sofrimento do cristão indica falta de fé. E, a marca do cristão cheio de fé e bem-sucedido é a plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material. Nessa teologia, pobreza e doença são resultados visíveis do fracasso de cristãos que vivem em pecado ou que possuam fé insuficiente (ROMEIRO, 1995).

Este ensino é incoerente com a mensagem central do NT, além de inconsistente, tem se mostrado extremamente nocivo ao longo de sua história e impacta não só a forma de viver e crer o cristianismo, mas também molda a sociedade de uma forma geral.

O pastor norte-americano Kenneth Hagin (1917-2003) é conhecido como o pai deste movimento, mas, também podemos perceber o protótipo e a inspiração da Teologia da Prosperidade em Essek William Kenyon (1867-1948). Considerado a fonte de inspiração de Hagin, nascido no condado de Saratoga, NY, EUA, foi um pregador itinerante que atuava nas comunidades batista, metodista e pentecostal, e não possuía vínculos denominacionais. Frequentou a Faculdade Emerson de Oratória, fundada por Charles Emerson. Um ponto importante para se compreender a hermenêutica desse movimento. Em seu livro *A Different Gospel*, McConnell (1988) comenta que Charles Emerson foi um colecionador de religiões. Era eclético e, nos 40 anos de ministério, sua teologia mudou do congregacionalismo para o universalismo, depois para o unitarismo, e para o transcendentalismo, e depois, ainda, para o Novo Pensamento. Por fim, terminou na rígida e dogmática Ciência Cristã. Pode-se observar que essa combinação de sincretismo religioso, práticas esotéricas e paramédicas também influenciaram na formação e desenvolvimento da Teologia da Prosperidade de Hagin (ROMEIRO, 1995).

Segundo Mariano (2014) de Kenyon, Hagin aprendeu sobre cura e confissão positiva. E, foi do televangelista Oral Roberts, que desenvolveu conceitos relacionados à noção de vida abundante, saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o diabo e vitória sobre qualquer sofrimento, promessa comuns ao discurso da teologia da prosperidade.

O princípio norteador da Teologia da Prosperidade é que o sacrifício de Cristo na cruz liberta a humanidade do pecado e das maldições, que seriam doenças, pobreza e morte espiritual, tornando o homem apto para receber as bênçãos prometidas a Abraão que seriam: saúde física e uma vida material plena e abundante.

Na leitura bíblica pode-se entender que o discurso da Teologia da Prosperidade fundamenta-se principalmente no Antigo Testamento. Todavia, seus teólogos selecionam diversas passagens que confirmam suas proposições, usando a Bíblia como viés confirmatório. O discurso fundamenta-se principalmente na bênção de Abraão e em diversas passagens bíblicas que refletem a teologia da retribuição, onde Deus retribui a cada um de acordo com suas obras. O texto de Deuteronômio 28 apresenta uma lista com as bênçãos e maldições dadas em consequência ao cumprimento ou descumprimento da lei mosaica. Usa-se o princípio conhecido como "lei da sementeira". A ideia de "bênção", principalmente nas passagens de Gênesis, relaciona a prosperidade com a aprovação divina. Na tradição Bíblica do Antigo Testamento, diversas passagens ecoam o texto de Deuteronômio 28. Na teologia judaica, a doutrina da retribuição surge vinculada pregação da lei após a queda das monarquias. É possível que, ela tenha surgido pouco antes do exílio Babilônico, como prega a narrativa da descoberta do livro da lei durante o reinado de



Josias (2Rs 22:3-10), e tenha se solidificado entre os sacerdotes após o retorno do exílio no segundo templo (Ne 8:1-12), sendo relacionada em diversas passagens da tradição do povo hebreu, propondo que a prosperidade depende da bênção e fidelidade, como no caso de Abraão, e que o castigo e a maldição são consequências da desobediência e do pecado (Dt 28). Essa perspectiva pode ser confirmada em diversas teologias e comentários do Antigo Testamento, de onde destacamos a “Teocracia Sadocita” de Sandro Galazzi e a Introdução à Bíblia de Ildo Bohn Gass.

Os textos da teologia da retribuição foram reinterpretados pelos teólogos da prosperidade. Assim, os difusores modernos desta teologia arrogam para si a autoridade de “profetas”, afirmam receber revelações divinas, o que concederia e validaria sua autoridade, além da prática da confissão positiva.

A ‘Confissão Positiva’ desenvolve-se a partir dessa teologia e refere-se ao poder que os cristãos fiéis têm de trazer à existência, através das declarações e decretos, tanto o bem quanto o mal. Eles devem declarar, reivindicar, determinar, decretar, exigir aquilo que querem. Por outro lado, pedir, rogar e suplicar, são palavras que podem minar a fé. Segundo Macedo (UNIVERSAL, c2021) “Todos os que servem a Deus têm o direito a uma vida abundante”. E, no site da Igreja Internacional da Graça, também pode-se ler que o livro “Curai enfermos, expulsai demônios”, de T. L. Osborn, foi um marco no ministério de R. R. Soares, de onde iniciou na doutrina da determinação. Essa teologia parte do entendimento de que não se deve pedir as bênçãos, mas, reivindicá-las, uma vez que já foram dadas para toda a humanidade. (ONGRACE, [s.d.]).

Pode-se observar ainda, que uma das principais características do discurso dos adeptos da Teologia da Prosperidade é o desprezo pelo conhecimento intelectual. Segundo Maurilio (2022), Hagin afirmava que Deus concede a cada cristão a capacidade de conhecê-lo, capacidade que o indivíduo natural não possui. Mas esta espécie de conhecimento metafísico só pode ser aprendida pelo espírito, sem qualquer intervenção intelectual, algo que Maurilio considera como “um discurso totalmente gnóstico”.

Hagin insistia que o cristão não pode comunicar-se com Deus mentalmente, pois ele é um espírito, e assim essa comunicação acontece somente por meio do Espírito. Deus colocou mestres que renovam a mente do cristão e recebem a revelação e o conhecimento da Palavra de Deus. (MAURILIO, 2022, p. 22)

Outro ensino, derivado Hagin, e muito propagado não só em igrejas neopentecostais adeptas dessa teologia, mas que também vem sendo apropriado por denominações mais tradicionais é a diferença entre “Logos” e “Rhema” (MAURILIO, 2022). Para Hagin, Logos é quando a palavra está escrita nas páginas da Bíblia e por isso tem ação impessoal, e o Rhema é quando a mesma palavra se torna pessoal e se aplica na vida daquele que lê. Biblistas afirmam que não há diferença no uso destas palavras no texto original, ou na tradição cristã (MAURILIO, 2022).

Hagin fazia questão de deixar bem claro que seu “conhecimento” bíblico não se devia a uma piedosa e intensa dedicação às Escrituras, mas por revelação espiritual. Isso demonstra uma forte semelhança com as seitas gnósticas, “pois ambos ensinam que o conhecimento adquirido lhes dá condições de transcender as limitações físicas” (MAURILIO, 2022, p.22).

A Teologia da Prosperidade no Brasil surge nos anos 70, e é relacionada principalmente com a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), estabelecida no Rio de Janeiro em 1977, “bombardeando” o país com seus pressupostos e lógicas. Propôs o lema do capitalismo neoliberal, enfatizando acumulação financeira e patrimonial ilimitada, sustentando isso em uma interpretação enviesada do Antigo Testamento. Surge como um



novo espaço de compreensão da redenção divina em território brasileiro. Desde então, vem penetrando cada vez mais em muitas igrejas e ministérios, não apenas os neopentecostais.

Além da IURD, as igrejas: Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra (GO, 1976), Igreja Internacional da Graça (RJ, 1980), Igreja Renascer em Cristo (SP, 1986), também contam entre as principais precursoras desta teologia (LEMOS, 2017).

De acordo com Lemos (2017), esse movimento contou com a importação de teologias, literatura, músicas, intercâmbio de lideranças religiosas, e o surgimento de novas igrejas e novas lideranças religiosas, estas logo adotaram as novas doutrinas “impostas” pela grande aceitação social desse novo paradigma neoliberal de teologia.

Inicia, então, os processos de negação e abandono das teologias mais tradicionais e espiritualistas, em troca de uma teologia negacionista onde o sofrimento, a pobreza e a doença não são condições inerentes à vida (LEMOS, 2017).

A vitória passa a ser a tônica, o dinheiro a motivação, a prosperidade material a bênção e o texto veterotestamentário a legitimação. Nesse sentido, embora normalmente represente a alma das igrejas neopentecostais, a TP não está circunscrita às bandeiras denominacionais ou mesmo religiosas. Isso porque qualquer grupo religioso cuja tônica da sua mensagem seja a prosperidade e que passe a se organizar e propagar dentro dos princípios da economia de mercado pode desempenhar função de representante reprodutora desta teologia. (DUSILEK, 2018, p. 202).

Dusilek ainda analisa quatro traços no discurso, mostrando que a teologia da prosperidade erra em seu objetivo e “na sua forma, na sua estrutura discursiva” (DUSILEK, 2018, p. 203). De forma resumida, estes quatro traços seriam; 1) uso excessivo de alegoria, 2) ênfase na vitória material como sinal da bênção divina, 3) salvação sob forma de prosperidade, 4) co-protagonismo divino, quando não no papel de subalterno.

Ele ainda levanta uma importantíssima reflexão, ao caracterizar o discurso da Teologia da Prosperidade como pagão, isso implica no questionamento sobre o crescimento evangélico no Brasil. Pois, se é decorrente da teologia da prosperidade, isso não seria crescimento do paganismo, ao invés do cristianismo? (DUSILEK, 2018, p. 216)

Diante do que foi exposto, entendemos que a teologia da prosperidade surge de movimentos complexos que aliam diversas perspectivas religiosas e populares às lógicas econômicas, principalmente em razão do desenvolvimento neoliberal. Com isso, essa teologia utilizou uma hermenêutica baseada na teologia da retribuição, relendo a bênção e a maldição pregadas na Bíblia, para a atualidade. Não há sustentação teórica, mas fundamenta-se em retórica e crença, de forma que, basta acreditar para obter sucesso pois, de acordo com Hagin, a prosperidade é um direito obtido através da expiação efetuada por Jesus (Maurilio, 2022).

### **3. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E A DEFORMAÇÃO DA FÉ CRISTÃ**

No cristianismo, a Bíblia é usada a fonte de autoridade, o fundamento para sustentar as crenças e práticas cristãs. Para entendermos o que seria a deformação da fé cristã, precisamos primeiro entender esse núcleo central do cristianismo reconhecido como “fé cristã”.

Para iniciar essa reflexão, Gavin Ortlund, partindo de um olhar teológico, apresenta duas razões pelas quais devemos prezar por uma percepção primária das doutrinas cristãs: primeiro, porque elas marcam a linha divisória entre o evangelho e outras ideologias, religiões e cosmovisões, e segundo, porque elas constituem o ponto material do evangelho (ORTLUND, 2022). A partir desse autor apresento uma proposta de distinção inicial para a fé cristã enquanto expressão doutrinária. Assim, partindo dos conceitos de doutrina cristã,



entendemos que esta precisa: Ser relevante para o evangelho; ser pensada a partir de sua frequência e significado; e ainda ser considerada por seu efeito na vida pessoal e eclesial;

Embora, no geral as doutrinas fundamentais da fé cristã não sejam negadas, elas podem ser desprezadas, e raramente aparecem no ensino e na liturgia. Isso colabora para o desenvolvimento de outras teologias e para a deformação dos valores essenciais do cristianismo. Pode-se atestar esse fato ao analisar os programas televisivos, os conteúdos disponíveis na internet, ou ainda, ao frequentar os cultos em igrejas neopentecostais e até mesmo em denominações mais tradicionais que aderiram ao discurso da teologia da prosperidade.

Essa disposição em relação ao que é fundamental/essencial na fé cristã influencia na formação de um cristianismo deformado em relação à proposta dos evangelhos. Diversas doutrinas clássicas, como a salvação pela fé; a justificação; a pessoa de Cristo; o pecado; a santificação; e outras enfatizadas pelas escrituras são negligenciadas ou ressignificadas segundo a teologia da prosperidade.

Ao observarmos alguns documentos dos primeiros séculos da Igreja, podemos ver como o conceito de fé foi sendo desconstruído, para não dizer deformado. Um bom exemplo é o Credo Apostólico, nele podemos observar um breve resumo daquilo que se tem fundamental e essencial à fé cristã.

Creio em Deus Pai, Todo Poderoso, Criador do céu e da terra; e em Jesus Cristo, seu único Filho nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu a mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus, está assentado à direita de Deus Pai Todo Poderoso; de onde há de vir e julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na santa Igreja católica<sup>1</sup>, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém. (Credo Apostólico, [s.d.])

No discurso da TP, a fé não é tratada como algo concreto. Ela é abstrata, frágil, e exige sacrifícios para confirmar seu valor. Essa teologia conduz ao desespero. Não se fundamenta nos méritos de Cristo, pelo contrário, ele raramente é citado, cedendo seu lugar para os méritos do próprio indivíduo. O que reflete a teologia da retribuição que fundamentou biblicamente a TP. O credo possui um papel de convicção e esperança, ele funciona como um padrão, um mapa para o fiel, por isso, não é interessante para a clientela da prosperidade. O que acontece na TP é diferente, ela ressignifica o sentido da fé para a confissão e pensamento positivo, assim, essa fé/confissão positiva, tem poder para conquistar qualquer coisa (ROMEIRO, 1995)

Na Confissão de Fé Batista de 1689, o fundamento do cristianismo pode ser entendido pela fé salvadora como "(...) uma obra do Espírito de Cristo nos corações, e por ela os eleitos são habilitados a crer para a salvação de suas almas" (CATECISMO, [s.d.])

No Catecismo de Heidelberg também pode-se ler:

"A verdadeira fé é o conhecimento e a certeza de que é verdade tudo o que Deus nos revelou em sua Palavra. É também a plena confiança de que Deus nos concedeu, por pura graça, não só a outros, mas também a mim, a remissão dos pecados, a justiça eterna e a salvação, somente pelos méritos de Cristo. O Espírito Santo opera essa fé em meu coração, por meio do Evangelho." (Catecismo de Heidelberg, Parte 2, dia do Senhor 7, pergunta 20)

Segundo esse credo, a verdadeira fé cristã é obra do Espírito Santo por meio do Evangelho. É a confiança na graça divina para a remissão e perdão de pecados, a salvação eterna somente por meio de Cristo Jesus.



Essas leituras tradicionais indicam que a essência da fé cristã não pode ser comparada ou confundida com uma espécie de bênção material, como um subproduto oriundo da graça. Todavia, a TP insiste em dizer que, pobreza e falta de saúde estão relacionadas ao pecado, à falta de fé e à influência de espíritos malignos. Dessa forma a riqueza e a saúde são sinônimos da bênção e aceitação divina. Ambos são resultados da obediência as leis de Deus, ou à falta dela.

Porém, nos textos bíblicos, o problema do sofrimento não é necessariamente fundando em uma causa primária; e prosperidade financeira também está longe de ser sinal da aprovação divina. Isso pode ser deduzido da passagem do evangelho de Marcos em que Jesus observa os ofertantes no templo.

“Assentado diante do gazofilácio, observava Jesus como o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias. Vindo porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante. E chamando seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes. Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo seu sustento.” (BÍBLIA, Almeida Revista e Atualizada, NT, Marcos 12, 40-44)

Em várias passagens os evangelhos retratam Jesus criticando e questionando o estilo de vida hipócrita que pregava a teologia da retribuição e justificava o sofrimento e desamparo de pessoas que viviam em situação de abandono, como as viúvas e os órfãos, por exemplo. Isso indica que estes também selecionavam passagens das escrituras, uma vez que essa prática estava em desacordo com alguns preceitos da lei mosaica. A narrativa conhecida como “a viúva pobre” (Mc 12, 40-44 ARA), apresenta Jesus censurando pessoas que demonstravam ser ricas, e valoriza e exalta a viúva pobre por seu gesto, mesmo que singelo. Nesse texto a viúva é uma referência à devoção e fé como fundamento e sinal da aprovação divina, e não a ostentação e riqueza, como prega a TP.

Tomamos por exemplo também a narrativa no livro de Jó. De acordo com a nota introdutória do livro de Jó na Bíblia Pastoral, o tema central do livro de Jó não é o sofrimento nem tão pouco sua paciência, mas, a natureza da relação do homem para com Deus. Uma vez que o povo de Israel qualificava a relação com Deus pela teologia da retribuição onde Deus paga o mal com o mal e o bem com o bem, o sofrimento vem apenas para o injusto. Esse livro ajuda a entender essa relação em que a religião se torna uma espécie de comércio com Deus, onde o homem tem poder sobre a própria vida e dita normas ao próprio Deus. Contra essa teologia o personagem Jó apresenta diversos argumentos confronta a teologia da retribuição de seus “amigos”.

Mesmo com as afrontas do livro de Jó e de Jonas, por exemplo, assim como em outras passagens do AT de menor expressão, essa teologia continuou presente no imaginário, isso porque era sustentada principalmente pelo Pentateuco, principal fonte de fé e tradição das comunidades judaicas, inclusive nos diversos judaísmos dos dias de Jesus. No NT, embora com menor representatividade, ainda é possível identificar resquícios da teologia da retribuição. Todavia é notável que essa literatura apresenta uma nova proposta de reflexão sobre o relacionamento com Deus, agora, fundamentado na graça e não na retribuição legal.

A fundamentação de uma doutrina cristã nos evangelhos tem sido confundida com as denominações em si. Assim, o termo evangélico descolou o significado original de relação com os evangelhos, passando a apresentar outro conteúdo, mais relacionado a um grupo social de fé cristã neoliberal e pós-moderna.

Segundo Bledsoe (2012), inclusive é difícil determinar até o próprio sentido do termo evangélico que tem sido aplicado às igrejas na atualidade. Por outro lado, para Bledsoe



(2012) se considerarmos as palavras de Stott (1975) onde “a fé evangélica não é uma inovação recente”, podemos retomar elementos do Novo Testamento para fundamentar uma essência, um fundamento evangélico. Assim, Bledsoe (2012) citando Stott, afirma que as Escrituras devem ser reconhecidas como referência de autoridade, comparação e julgamento da realidade.

Bledsoe (2012) considerando a relevância e a consistência com o NT usa como base o Movimento e o pacto de Lausanne (PL), o Manila Manifesto (MM) e os *Lausanne Occasional Papers* (Trabalhos Ocasionais de Lausanne), devido sua “respeitabilidade global, seu compromisso com a autoridade das Escrituras, seu consenso acerca de crenças e valores evangélicos cruciais e a consideração para com o diálogo reflexivo sobre questões contemporâneas” (Bledsoe, 2012, p.112)

Segundo Bledsoe (2012), os elaboradores do PL definiram o grau de esforços de evangelização, descrevendo o que seria considerado prejudicial para a sociedade-alvo. Assim,

Ela [a igreja] torna-se uma pedra de tropeço para a evangelização quando trai o evangelho ou quando lhe falta uma fé viva em Deus, um amor genuíno pelas pessoas, ou uma honestidade escrupulosa em todas as coisas, inclusive em promoção e finanças. (LCWE, Pacto de Lausanne [The Lausanne Covenant] Artigo 6, Lausanne, Suíça, 1974)

Em seu comentário sobre o pacto, Stott (1975) destaca quatro “escândalos” que os autores tinham em mente na ocasião da elaboração do pacto.

Quatro “escândalos” (a palavra grega para pedras de tropeço) são destacados, a saber, quando a igreja trai o Evangelho (distorcendo seu conteúdo de alguma forma), ou carece de uma fé viva em Deus (colocando sua confiança em outro lugar), um amor genuíno para as pessoas (por qualquer falha no cuidado cristão), ou honestidade escrupulosa em todas as coisas, incluindo promoção e finanças. Pode ser tão mau aos olhos de Deus falsificar fatos em nossos relatórios estatísticos, ou falsificar nossas contas, quanto falsificar nossa mensagem. (STOTT, John. O Pacto de Lausanne: Uma Exposição e Comentário por John Stott. [S. l.], 1975)

Observamos no discurso da Teologia da Prosperidade e suas similares ao menos uma, quando não, infelizmente, todas essas características. Na tarefa da evangelização, um aspecto crucial a ser considerado nas igrejas adeptas desta teologia é o discurso soterológico. Uma vez que, grande parte delas não possuem nenhum tipo de orientação teológica e, em não poucos casos o estudo das Escrituras é desestimulado, há uma indefinição quanto a questão e inúmeras distorções. Segundo o PLN no Artigo 4, “evangelizar é difundir as boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou segundo as Escrituras, e de que, como Senhor e Rei, ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos os que se arrependem e creem” (LAUSANE, 1974).

#### 4. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E A RELIGIÃO DE CONSUMO

Na Teologia da Prosperidade o dinheiro desempenha um papel fundamental. Nada evidência melhor a benção e a aprovação divina do que a aquisição de bens de consumo e escalada social. Para Sanchez (2018), o consumismo na era moderna mudou de conceito, não se trata apenas de consumo exagerado, é um novo *modus vivendi* que “configura-se como uma determinada forma de viver que abarca tanto a vida dos indivíduos como a vida dos grupos e da própria sociedade” (Vilhena e col., 2018, p. 287). A conceituação como consumidor é uma nova forma de valorização do indivíduo.





[...]a sociedade de consumidores é aquela onde as pessoas são transformadas em mercadorias e mercantilização das relações humanas é radicalizada. “Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar ou recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável.” A sociedade de consumidores, em resumo, é aquela que estimula e reforça um estilo de vida e uma estratégia existencial centrada no consumismo e deixa de lado outras alternativas. (Vilhena e col., 2018, p. 290)

Na análise exegética da perícopes de Filipenses 2.5-11, partindo da dimensão missional da ação, Zabatiero (2017), irá discutir os sintomas do secularismo como atitude de tomar a secularização como padrão de leitura da realidade. Ele aborda três sintomas que afetam nossa compreensão de mundo e da fé cristã, são eles: o racionalismo, o individualismo, e o consumismo.

Para Zabatiero (1996), uma pessoa individualista organiza sua vida a partir de seus próprios interesses, “é uma forma egoísta, egocêntrica da pessoa entender e viver sua individualidade” (ZABATIERO, 2017, p.94). Assim, vive relacionamentos utilitaristas, que, em nossa sociedade, molda-se pelo sistema econômico e político. De acordo com Zabatiero (2017, p.96), “a pessoa individualista é então, aquela que luta predominantemente para acumular, cada vez mais, capital e poder político e, assim, dominar a sociedade”.

Discorrendo sobre o outro lado da moeda, ao tratar sobre o consumismo Zabatiero vai dizer que, “o consumismo é o modo de vida caracterizado pelo desejo permanente e crescente de consumo [...], em função da imagem pública que a posse do que foi consumido atribui a pessoa consumista”.

Logo, diante do exposto, ao analisarmos os discursos que orientam a TP e suas ramificações, identificamos uma prática religiosa, com aparência tradicional, mas que propõe algo diferente, os desejos da humanidade. Esta proposta tem uma força orientadora da realidade que nem sempre é explícita: o mercado.

De acordo com Wurster (2021), “o consumismo deseja ser um novo evangelho, uma boa nova secular, que tem como objetivo proporcionar felicidade ao indivíduo por meio da aquisição de bens materiais”. Para isso, todos os dias pessoas são evangelizadas pelo consumismo. Todos os dias suas cosmovisões são moldadas, o que também afeta suas espiritualidades. Citando Benton,

Deixe-me fazer a seguinte pergunta: O que mais engana os cristãos de hoje? O que faz com que a nossa vida cristã fique lá embaixo? Parece-me que nem sempre são os grandes pecados, como roubo e adultério, que corrompem a espiritualidade da maioria dos cristãos. O que realmente mina a nossa espiritualidade é que somos pegos pela armadilha dos lugares comuns da sociedade de consumo. (...) O consumismo nos afasta do foco, e é isto que acorrenta a espiritualidade de muitos de nós. (WURSTER, 2021, p.63)

Os bens viraram sinônimos de segurança e autossuficiência. A união do capitalismo ao misticismo do povo brasileiro deu forças para o surgimento dessa teologia tão popular que tem o enriquecimento como marca.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do exposto ficou evidente como a Teologia da Prosperidade, vem modificando o evangelho pregado nas igrejas. Observamos através dos principais pontos contidos em seu discurso, que este pensamento não é mais exclusividade das igrejas neopentecostais, mas já adentrou boa parte das denominações, até mesmo as mais tradicionais e históricas.



Os fatores principais que levaram essa teologia a ganhar cada vez mais espaço são, a carência na área teológica, que se caracteriza pelo abandono de uma teologia bíblica e prática, ora trocando a simplicidade do evangelho por estratégias pragmáticas, ora se agarrando a dogmas, conduzindo a uma fé fria e individualista que não se preocupa com o próximo.

Ao mesmo tempo as constantes mudanças sociais e econômicas que vem transformando o ser humano em cliente e produto. Essa teologia trabalha com os desejos de seus adeptos, instigando e produzindo novos, materializando cada um deles em promessas de bens e consumo.

Durante a pesquisa foi observado que, a grande maioria das publicações tem como ponto de partida ou foco a Igreja Universal do Reino de Deus. Ainda que esta tenha sido a denominação com maior visibilidade e principal precursora deste pensamento no Brasil, há a necessidade de se trabalhar mais as questões bíblicas que entram em desacordo com a Teologia da Prosperidade e suas ramificações para não incorrerem em uma espécie de “cruzada” contra um grupo específico, mas num profundo debate de ideias harmonizadas bíblicamente pois, como observamos, a TP não é mais exclusividade de igrejas “neo” e ela não deforma um dogma de uma igreja específica mas, o próprio evangelho na pessoa de Jesus Cristo. Devido ao fato de boa parte do povo brasileiro ser extremamente místico e sincrético, no sentido pejorativo das palavras, também em parte por conta da própria mazela social, onde é privado da maioria dos direitos básicos a sobrevivência e o saber, há uma supervalorização das experiências pessoais em detrimento das verdades bíblicas.

A consequência de tudo isso, é um evangelho diferente que põe em risco as futuras gerações pois, compromete os ensinamentos de Jesus Cristo e seus discípulos.

O apóstolo Paulo sempre demonstrava que seus sofrimentos não influenciavam a plenitude de sua vida, ele se considerava um homem abençoado. Em 2 Coríntios, ele se considera um pobre que enriquece a muitos, alguém que não tem bens ou riquezas, mas é possuidor de tudo (BÍBLIA, Almeida Revista e Atualizada, NT, 2 Coríntios 6.10). Paulo tinha o evangelho como seu tesouro, ainda que preso, pobre e privado de muitas necessidades se via rico. O antídoto que Paulo vai nos dar em relação aos anseios deste mundo, aos ideais consumistas e desejos de posse é o contentamento (Fp 4:11-13 – ARA)]

Paulo está dizendo que riqueza não é sinal da benção de Deus, mas contentamento sim. O contentamento é algo que se aprende, daí a necessidade de uma teologia bíblica expressa na vida. O novo testamento apresenta a riqueza mais como um perigo do que como uma benção. A bíblia nos ensina a sermos generosos para trazer alguma medida de justiça e igualdade, não como moeda de barganha.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Almeida Revista e Atualizada. 1993, 2 edição, Sociedade Bíblica do Brasil Universal. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/>. Acesso em: 4 nov. 2022.

BÍBLIA, Edição Pastoral, 40ª impressão, editora Paulus, dezembro de 2000.

BLEDSON, David Allen. **Movimento Neopentecostal Brasileiro: IURD: um estudo de caso.** São Paulo, Hagnos 2012.

CREDO APOSTÓLICO. [S.l.], Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/o-credo-apostolico/>. Acesso em: 6 nov. 2022.



**CATECISMO DE HEIDELBERG.** [S. l.], Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/o-catecismo-de-heidelberg/>. Acesso em: 6 nov. 2022.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. **Traços Pagãos No Discurso Da Teologia Da Prosperidade**, Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 10, n. 1, 199-220, jan./abr. 2018

GALLAZZI, A. **A Teocracia Sadocita**: sua história e ideologia. Macapá: Biblioteca de Estudos Bíblicos, 2002.

GASS, Ildo Bohn (Org). **Uma Introdução à Bíblia**. Vol. 1-8; São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Cebi, 2002.

LE MOS, Carolyne Santos. **Teologia Da Prosperidade E Sua Expansão Pelo Mundo**, Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 11, n. 20, jul/dez, 2017

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais, Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo, 5 edição, 2014

MAURILIO, Gabriel Lourival. **Teologia da Prosperidade**: uma análise na perspectiva Bíblica. São Paulo, Editora Dialética, 2022. E-book

NETO, de Araujo; SABINO, Felipe. **Confissão De Fé Batista De 1689**. [S. l.]. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/1689.htm>. Acesso em: 6 nov. 2022.

**ONGRACE**. [S. l.]. Disponível em: [https://ongrace.com/portal/?page\\_id=7](https://ongrace.com/portal/?page_id=7). Acesso em: 4 nov. 2022.

ORTLUND, Gavin. **Questões Doutrinárias Pelas Quais Vale A Pena Lutar**: Em Defesa Da Triagem Teológica; tradução de Rogério Portela. São Paulo: Vida Nova, 2022.

**PACTO DE LAUSANNE**. [S. l.], 1974. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes**: o evangelho de segundo Kenneth Hagin, Walnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo, Editora Mundo Cristão, 1993, Versão Kindle

STOTT, John. **O Pacto de Lausanne**: Uma Exposição e Comentário por John Stott. [S. l.], 1975. Disponível em: <https://lausanne.org/content/lop/lop-3>. Acesso em: 15 dez. 2022.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; **Métodos de Estudos Bíblicos no Novo Testamento**, Maringá, Unicesumar 2017

VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio, (Org's.). **Religião e Consumo**: relações e discernimento, São Paulo: Paulinas, 2018.

WURSTER, Guilherme. **Cristianismo Consumista**: influências do consumismo à igreja cristã. Revista Ensaios Teológicos – Vol. 07 – nº1 – jun 2021

